

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Publicação mensal — Assignatura por anno 500 réis

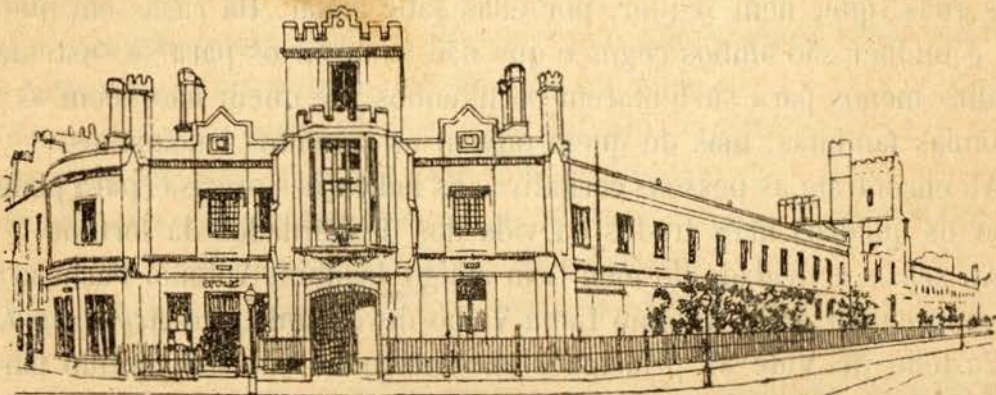
A importancia total das assignaturas d'esta publicação reverte a favor das Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, para onde devem ser enviadas directamente todas as quantias e a correspondencia relativa á administração do Jornal

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>ADMINISTRAÇÃO Asylo dos Cegos Castello de Vide</p>
--	--	--

A redacção do «Jornal dos Cegos» — Procuradoria dos cegos indigentes

O redactor d'este jornal escreveu no *Diario de Noticias* o seguinte artigo:

A idéa que presidiu á fundação do novo instituto de beneficencia, organizado em Paris sob a denominação de *Amigos e visitantes dos pobres*, já ha muito foi posta em pratica na capital da França pela *Associação Valentin*



ESCOLA PARA CEGOS INDIGENTES DE LONDRES

Haiiy, e em Londres por outras sociedades caritativas, e até eu já também comecei a dar-lhe realisação em Lisboa, servindo-me para isso do meu pequeno *Jornal dos Cegos*.

A esphera, porém, da acção d'essas sociedades tem-se limitado a beneficiar a humanidade cega.

Foi com verdadeiro entusiasmo que li os bem elaborados artigos, que o *Diario de Noticias* tem publicado ácerca d'essa nova e benemerita associação parisiense.

É com a maxima effusão de alma que applaudo a generosa propaganda que os meus caros collegas estão fazendo a favor do *sport* da caridade, como elegantemente lhe querem chamar.

E, apesar do meu trabalho até hoje ser insignificantissimo, precisa contudo de publicidade, para poder produzir bom resultado.

É por isso que aproveito a occasião para lembrar que a redacção do *Jornal dos Cegos*, que está toda exclusivamente a meu cargo, é uma especie da *agencia de necessitados*, a que o *Diario de Noticias* se referiu. É por assim dizer, uma *procuradoria dos cegos indigentes*.

Está installada na *Livraria Catholica*, ao Rocio. Ali, o generoso e caritativo proprietario d'esse estabelecimento, o meu amigo Joaquim Antonio Pacheco, tem recebido os nomes e moradas de cerca de 500 cegos indigentes.

Qualquer pessoa que queira conhecer essas moradas tem n'aquelle archivo a lista das maiores miserias humanas: a pobreza envergonhada, que lucha com os horrores da fome, no meio das trevas; a pobreza que não pede pelas ruas, que, nem sequer, por ellas sabe andar. Ha casas em que marido e mulher são ambos cegos e que não teem meios para se sustentarem e muito menos para sustentarem os filhinhos, de quem não vêem as phisionomias famintas, mas de quem ouvem os lamentos lancinantes.

Ali encontram as pessoas caritativas as indicações precisas para poderem ir ver os quadros mais tristes da vida dos desherdados da fortuna.

Ao zêlo e actividade do meu bom amigo Joaquim Antonio Pacheco e do seu empregado o sr. Antonio Lima Velho deve também o *Asylo dos Cegos* de Castello de Vide as principaes encommendas que tem obtido para as suas officinas, cujos operarios são rapazes cegos.

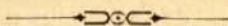
Todo o producto da venda dos artefactos fabricados pelos cegos reverte a favor, não do asylo, que tem meios para sustentar os asylados cegos, que

o seu benemerito instituidor lhe legou, mas sim a favor dos proprios cegos, que, dentro de um futuro proximo, podem ter junto um peculio, que lhes permittirá sairem do asylo, dando logar á entrada de outros cegos, e irem constituir familia e fruir as alegrias do lar.

Parece-me, por isto, que a *procuradoria dos cegos* merece ser conhecida pelo publico.

E o *Diario de Noticias*, auxiliando o meu trabalho e o dos meus amigos Joaquim Antonio Pacheco e Lima Velho, presta um grande serviço aos cegos pobres, annunciando repetidas vezes a minha *agencia!*

BRANCO RODRIGUES.



INSTITUTOS ESTRANGEIROS

The School for the Indigent Blind

(Escola para os cegos indigentes)

A sociedade que mantém este importante estabelecimento de educação e insino intellectual e professional dos cegos foi estabelecida em 1799, quinze annos apenas depois que o immortal Valentim Haüy fundou em Paris a primeira escola de cegos, que existiu no mundo.

A escola começou a funcionar modestamente nos arredores de Londres, mas como o auxilio do estado depressa pôde ter desenvolvimento importante.

Actualmente educa cento e oitenta e sete cegos, sendo cento e dois do sexo masculino e oitenta e cinco do sexo feminino.

Tem, porém, accomodações para duzentos cegos.

Os alumnos estão divididos em dois grupos.

O primeiro grupo comprehende os alumnos de sete a doze annos, que frequentam *The Junior Branch School Wandsworth*.

São actualmente vinte e cinco do sexo masculino e dezenove do sexo feminino.

O segundo grupo comprehende os que têm mais de doze annos, e esses em numero de cento e quarenta e tres, sendo setenta e sete do sexo masculino e sessenta e seis do sexo feminino, frequentam a escola profes-

sional, situada em St. George's Fields, Southwark, Londres, e da qual se publica hoje na primeira pagina d'este jornal, a vista do edificio grandioso, em que está installada.

O primeiro grupo de alumnos aprende a ler e a escrever pelo systema Braille.

Os systemas inglezes Alston e Moon, o ultimo dos quaes empregava as letras em relevo do nosso alphabeto, estão abandonados. Além da leitura e escripta, os alumnos aprendem as lições de cousas, pelo systema Froebel, no jardim de infancia, e principios de musica, que completam a sua primeira educação e os preparam para, aos treze annos, entrarem na escola industrial de St. George.

N'esta escola, o segundo grupo de alumnos aprende: sciencia da religião, sciencias physicas e naturaes, historia, geographia, grammatica, composição, litteratura geral e musica.

A educação physica é a mais completa possivel.

Seguem rigorosamente um bem elaborado programma de exercicios gymnasticos, exercicios physicos e exercicios militares, o que tem dado um excellento resultado para a saude de todos os alumnos.

Recentemente foi introduzida n'esta escola uma innovação importante. Consiste no emprego do phonographo e das machinas para escrever, que estão em uso em todos os escriptorios commerciaes.

Hoje em dia já se não escreve á penna a correspondencia commercial em Inglaterra e na America: ha umas machinas de uso facilimo, que se encontram á venda em todo o mundo, para se fazer a correspondencia; carregando-se levemente em um teclado que essas machinas têm, onde estão representadas as letras do alphabeto, obtem-se rapidamente um exemplar, impresso typographicamente, do que se quizer escrever.

Pois é com o auxilio d'estas machinas que os cegos fazem toda a correspondencia da direcção da escola.

Em vez das letras do alphabeto romano, o teclado apresenta ao cego os signaes salientes do alphabeto Braille.

Em poucas lições o cego aprende a manejal-a, e a correspondencia é escripta tão rapidamente, como se fosse feita por um vidente.

O emprego do phonographo é tambem utilissimo.

O director recebe de manhã o correio, lê toda a correspondencia, e responde immediatamente ao phonographo.

Horas depois, os alumnos cegos, que são destinados por turnos para este serviço, ouvem o que o phonographo reproduz, e por meio da machina de escrever, communicam ao papel as palavras do director.

Todos os alumnos d'esta escola aprendem um officio.

Actualmente existem quarenta fabricantes de cestos, dezenove fabricantes de escovas, quatorze fabricantes de capachos; seis aprendem a afinar pianos, e os restantes estudam musica, põem palha em cadeiras ou são aprendizes das officinas que acabo de mencionar.

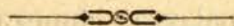
As discipulas cegas aprendem todos os trabalhos de malha, 41 são palheiroiras, 12 fabricam escovas e 11 tecem cordas de linho.

Para se fazer uma idéa do trabalho feito pelos alumnos, basta dizer que durante o anno de 1893 produziu 664 libras, 5 sh. e 2 pence.

O trabalho da officina dos adultos produziu 1:785 libras, 8 sh. e 1 penny, perfazendo um total de 2:449 libras, 12 sh., 9 pence.

N'esta ultima officina onde se fabricam escovas e capachos, trabalham 21 operarios cegos, que vivem em suas casas e dos quaes 19 foram discipulos d'esta importante escola.

Na visita que fiz a este grandioso estabelecimento fui acompanhado pelo director dos estudos o professor Mr. W. A. Adams, a quem fui apresentado pelo rev. capellão e secretario da direcção Mr. James W. St. Clare Hill, os quaes me forneceram todos os esclarecimentos.



William Murray

William Murray, missionario escossez, ha quinze annos partiu para a China, a fim de propagar o Evangelho.

O estado miseravel em que se encontravam ainda os cegos n'aquelle paiz, attrahiu a sua attenção, e resolveu dedicar completamente a sua actividade á nobre tarefa de melhorar a sorte d'estes desgraçados.

A primeira difficuldade que se lhe apresentou, foi a falta total de um bom systema para escrever a lingua chinesa, pelo alphabeto de Braille.

O alphabeto Braille, tal como é usado na Europa, não lhe podia servir, porque a lingua chinesa tem tão pouca relação com todas as outras linguas, que era necessario inventar um systema differente, para attingir o seu fim.

O leitor poderá fazer idéa dos obstaculos que foi necessario vencer, sabendo que os chinezes não teem alphabeto, que cada palavra é representada por um signal especial, e que as palavras compostas escrevem-se, combinando uns com os outros, os signaes que representam os monosyllabos.

Murray teve a felicidade de descobrir que a lingua chinesa se compõe de 408 monosyllabos, emquanto que até agora se julgava geralmente que eram necessarios 4:000 signaes para exprimir as palavras.

Pensou então, que, se conseguisse indicar cada monosyllabo por um signal, poderia escrever facilmente a lingua chinesa.

Teve a idéa engenhosa de empregar signaes para representar as syllabas.

Alem d'isso, a significação de uma palavra chinesa varia segundo a collocação do accento predominante e segundo o modo de a pronunciar.

Assim a palavra «Ioe» tem quatro significações completamente differentes, segundo a pronuncia de cada uma d'ellas. Distinguem-se quatro modos de accentuar as palavras, podendo o tom ser vivo, demorado, agudo ou grave. Era-lhe necessario, pois, inventar quatro signaes especiaes para indicar a pronuncia da mesma palavra. Para tornar mais facil aos chinezes o trabalho da leitura, compoz 408 phrases, antes das quaes collocava o signal que se relacionava com o sentido da palavra e terminava a phrase com a propria palavra. Empregava quatro signaes differentes para indicar as centenas, as duas centenas, as tres centenas e as quatro centenas, e com elles separava as palavras. Procedendo d'este modo, poude conseguir indicar com 10 signaes, todas as palavras chinezas.

As pessoas que conhecem o systema Braille, hão de convir que William Murray é credor dos maiores elogios, pela sua invenção verdadeiramente maravilhosa. Graças a este systema, um alumno aprende a escrever e a ler a sua lingua materna em seis semanas, o que é devéras admiravel.

Murray tem publicado livros, impressos pelo systema de Braille, que podem ser vendidos por um preço excessivamente barato, visto que a escripta occupa pouco espaço. Como o systema é muito abreviado, escreve-se rapidamente. Os alumnos podem escrever vinte e duas palavras por minuto, o que para nós é impossivel.

Murray estabeleceu uma escola em Peking, mas encontrou para isso novos obstaculos, porque os chinezes receiam muito confiar os seus filhos aos estrangeiros. Felizmente esta desconfiança começa a desaparecer e Murray já tem um consideravel numero de alumnos do sexo masculino.

Emquanto ás raparigas ainda é mais difficil dar-lhes educação. Na China as mulheres e as raparigas nunca saem de suas casas. Comtudo já tem algumas discipulas cegas. Uma d'ellas é organista na capella da missão. Applica-se a educar os alumnos que, mais tarde, poderão propagar o Evangelho, lendo a Sagrada Escripura nas casas dos ricos e dos pobres. Manda-os a essas casas acompanhados por um guia com vista. N'um hospital, perto de Peking, dirigido por senhoras, ha uma ceguinha que faz a leitura da Biblia aos doentes.

Murray cita-nos exemplos curiosos, que nos provam o desejo que os cegos teem de se instruir. Ha alguns que não hesitam em andar 300 milhas, para se confiarem aos seus cuidados, e muitos renunciam a sua miseravel occupação de mendigos ou de musicos ambulantes, para procurarem asylo no instituto de Murray. O amor da familia é muito desenvolvido entre os chinezes, e Murray dá-nos d'isso provas evidentes. Um cego, que estivera separado de seu irmão, durante alguns annos, reconheceu-o pelo tacto e chorou de alegria, quando tornou a encontral-o.

O zêlo philanthropico de Murray não tem limites.

Com o seu magro salario fundou o instituto, que sustentou sósinho durante os primeiros annos, mas com o andar do tempo tornou-se difficil o encargo e foi obrigado a appelar para a caridade publica.

Prova-nos que a dedicação de um só homem, prompto a sacrificar-se, pelo bem dos outros, pôde conseguir melhorar a sorte dos seus similhantes.

G. I. KORFF.

OS CEGOS

Pelo cego M. de la Sizeranne

(EXTRACTOS)

PSYCHOLOGIA DO CEGO

I

Vamos estudar as faculdades physicas, intellectuaes e moraes dos cegos.

O sentido do ouvido desenvolve-se na obscuridade, a attenção localisa-se nas impressões auditivas.

Ha, como se sabe, uma grande differença entre ouvir e escutar, ver e olhar: o surdo vê, quem ouve, olha; o vidente ouve, o cego escuta; d'ahi uma grande delicadeza d'esse orgão, um grande poder de analyse dos sons e uma aptidão extraordinaria para distinguir os sons subtis. O tacto, o olfacto, desenvolvem-se; as impressões que fornecem são analysadas, registradas. Os tres sentidos: do ouvido, do tacto e do olfacto, mais vezes e melhor interrogados pelo cego do que pelo vidente, põem o cego em relação com o mundo exterior.

Collocado no meio do silencio absoluto, ou afastado de emanções odoríferas, o cego experimentaria a penosa sensação do vacuo; mas, quando se encontra em um meio normal, em que a vida se manifesta com os seus ruidos, as suas modificações tangiveis, os seus cheiros muito variados, muito significativos, percebe tudo que se passa em torno d'elle, em tudo o cego toma parte e em tudo toma interesse. Sem ver, podem-se distinguir perfeitamente as ruas de uma cidade, de uma villa, os caminhos no campo.

Seria um erro suppor que, para o cego, todas as ruas, todos os caminhos são semelhantes. As dimensões dos caminhos, a natureza do solo, o numero e o genero dos vehiculos que se encontram, as ruas transversaes, tudo é utilizado pelo cego, para a sua orientação.

O tacto não está localizado nas mãos, está espalhado por todo o corpo.

Mesmo estando calçado, o cego distingue o genero do solo que pisa.

Os cheiros são tambem muito differentes e muito característicos: a carne fresca, o tabaco molhado, o peixe, o feno, as plantas medicinaes, o papel recentemente impresso, as flores e fructos têm perfumes tão diversos que permitem saber, sem sombra de duvida, se se passa diante de um talho, de um estanco, de uma botica, de uma livraria, de uma loja de fructas.

Todas as impressões do tacto e do olfacto são auxiliadas pelas do ouvido.

Ha muitos sons e ruidos característicos: o do sino de uma igreja, do relógio de uma torre, de uma officina de marceneria, de canteiro, o de uma casa em construcção.

Tudo é observado e associado pelo cego.

Tudo isto com respeito a uma cidade ou a uma villa; mas, em pleno campo, a natureza encarrega-se de dar ao cego muitas indicações, muitos gossos, que lhes são uteis para a sua orientação.

(Continúa)